



Ensino de matemática: um estudo nas series iniciais do ensino fundamental em uma escola do campo no município de presidente Figueiredo

Camila da Cruz Henrique, Lucinete Gadelha da Costa

ARTICLE INFO

Recebido: 31 Julho 2013

Aceito: 16 Agosto 2013

Palavras chave:

Educação do Campo.

Currículo.

Formação de professores.

E-mail:

lucinetegdelha@gmail.com

ISSN 2007-9842

© 2014 Institute of Science Education.

All rights reserved

ABSTRACT

This research aims to understand the teaching of the discipline of mathematics at the 2nd grade in a rural elementary school. In methodological procedures, the research has a qualitative approach in a descriptive study, with semistructured interviews and participant observation conducted in Escola Municipal Hugo Castelo Branco, located in the settlement project in Uatumã. The study was based on authors such as Aranão (2002), Carvalho (2003), Ghedin (2008), Kishimoto (2001) among others. Therefore, the study notes the importance the ludic in curriculum development of mathematics teaching in rural schools, resuming the discussion of teacher's pedagogic practice in building of a curriculum that meets the specifics from the different contexts in which they operate our schools in Amazon reality.

A presente pesquisa tem como objetivo compreender o processo de ensino da disciplina de matemática na 2ª série do primeiro ciclo em uma Escola do Campo. Nos procedimentos metodológicos, a investigação teve uma abordagem qualitativa num estudo descritivo, com entrevistas semiestruturadas e observação participante realizada na Escola Municipal Hugo Castelo Branco, localizada no projeto de assentamento no Uatumã. O estudo teve base em autores como Aranão (2002), Carvalho (2003), Ghedin (2008), Kishimoto (2001) entre outros. Portanto, o estudo destaca a importância do lúdico no desenvolvimento curricular do ensino da matemática nas escolas do campo, retomando a discussão da prática pedagógica do professor na construção de um currículo que atenda as especificidades a partir dos diferentes contextos em que estão inseridas nossas escolas na realidade amazônica.

I. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa trata-se do ensino de Matemática nas séries iniciais 2ª série do Ensino Fundamental em uma escola do Campo (Escola Municipal Hugo Castelo Branco) localizada na AM- 240 KM-28 Comunidade Cristo Rei, no Projeto de Assentamento Uatumã, Município de Presidente Figueiredo, com o objetivo de compreender o processo de ensino da disciplina de matemática na perspectiva da Educação do Campo.

Quando falamos em Educação do Campo, estamos destacando as conquistas originadas nas lutas políticas movimentadas por diversos segmentos na defesa dos direitos do cidadão como: saúde, a cultura e entre outras a uma educação de qualidade. Pois sabemos que historicamente a educação na realidade rural não era devidamente respeitada, surgindo assim a necessidade de uma educação contextualizada, respeitando o modo de vida do povo, seu espaço e suas necessidades.

A pesquisa foi realizada no contexto de uma escola de área de assentamento, buscamos compreender a realidade no ensino da matemática através de um estudo com uma abordagem qualitativa, pesquisa descritiva e bibliográfica com os seguintes instrumentos: entrevista estruturada e observação participante que envolveu estudantes, professores, apoios pedagógicos e coordenação.

Como monitora da Educação Infantil tive a oportunidade de observar elementos da prática pedagógica dos professores que podem ser de grande influencia na questão do aprendizado da matemática. É comum observarmos que a condução do ensino e aqui especificamos a matemática não considerar a realidade em que os estudantes estão inseridos, o que não contribui na construção da identidade de um indivíduo capaz de refletir sobre a sua realidade local numa relação mais ampla de entendimento social. Diante desta realidade e que surgiu meu interesse pela pesquisa buscando responder ao seguinte questionamento: por que o ensino da matemática não é conduzido de forma contextualizada?

II. ENSINO DE MATEMÁTICA: UM ESTUDO NAS SERIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NAS ESCOLAS DO CAMPO

A. DISCUTINDO O SIGNIFICADO DA MATEMÁTICA

A matemática não é apenas um conjunto de números ou de cálculos sem sentido ou simples parte do currículo escolar, ela faz parte de um conjunto de aprendizado que esta inserida em qualquer realidade, no cotidiano das pessoas em geral, deste a uma simples combinação ao mais sofisticado pensamento lógico de todas as áreas do conhecimento.

A reflexão em torno do ensino da matemática contribui na busca de novas metodologias de ensino visando o aprendizado dos estudantes os quais são participantes da construção de novas perspectivas curriculares, não estamos buscando a fórmula perfeita, mas o melhor meio para que o aprendizado se torne melhor compreendido. Segundo Moraes apud Monteiro (2001, p.24) o amplo ensinar visa à compreensão, a sabedoria de vida entre o educador e educando, tudo no processo de integração.

Nesse sentido, pesquisar o processo de ensino da Matemática é estudar possibilidades de um ensino contextualizado considerando que as orientações nos PCN-Parâmetros Curriculares Nacionais de Matemática traz a necessidade das relações matemática com as demais disciplinas considerando um processo de troca, envolvendo um todo, que vai além da execução de atividades. Pois segundo os PCN de Matemática:

Ao relacionar ideias matemáticas entre si, podem reconhecer princípios gerais, como proporcionalidade, igualdade, composição e inclusão e perceber que processos como o estabelecimento de analogias, indução e dedução estão presente tanto no trabalho com números e operações como em espaço, forma e medidas. (1997, p.38).

Mostrar ao educando que matemática não esta inserida somente em cálculos matemáticos, mas toda a sua volta, possui significados, historicidade, e utilidade entendendo que ela é parte fundamental em seu cotidiano. Esmerando seu conhecimento, para que o mesmo seja parte na construção da cidadania do educando, contribuindo para o seu envolvimento social.

A matemática como parte da vida real do educando, torna-se instrumento fundamental no desenvolvimento de suas habilidades, transformando-as em ferramentas capazes de fazer a diferença, o que colabora para a sistematização lógica dos conhecimentos adquiridos.

A sua pluralidade não é só em face dos diferentes desafios que partem do seu contexto, mas em face de um mesmo desafio. No jogo constante de suas respostas, altera-se no próprio ato de responder. Organiza-se. Escolhe a melhor resposta. Testa-se. Age. Faz tudo isso com a certeza de quem usa uma ferramenta, com a consciência de quem está diante de algo que o desafia. (Freire, 1967, p.40).

A compreensão da matemática num todo, não se detêm à apenas símbolos numéricos, mas em um conjunto extenso de significados que proporciona ao educando melhores condições de aprendizagem podendo ser relacionados

com outras disciplinas, pois segundo os PCN's de matemática (1997) os conteúdos não podem se desenvolver de forma estanques e numa rígida sucessão linear precisam de uma abordagem em que as conexões sejam favorecidas e destacadas entre si. Assim, Monteiro (2001) destaca que educar não se restringe ao repasse de informações ao outro, mas sim a construção de situações em que o uso de informações, sentimentos e valores possibilite ao estudante e ao professor transformar-se e transformar seu lugar no mundo.

Visto dessa forma, o processo ensino a aprendizagem do educando torna-se mais significativo numa interação com a realidade social. Nesse sentido o ensino da matemática precisa possibilitar a construção do conhecimento gerador da aprendizagem.

B. A APRENDIZAGEM NO ENSINO DA MATEMÁTICA

Os conhecimentos nesse processo vão se construindo a partir da realidade em que o sujeito esta inserido, visto que o aprendizado não se dá de forma bancária, mas de reflexões proposta a cada necessidade e da própria capacidade de compreensão frente às necessidades.

Como educadores podemos contribuir na formação dos sujeitos e de acordo com Torres (2003), ler e expressar sua leitura, é colocar nas mãos de cada um a oportunidade de ser sujeito em seu processo formativo ampliando sua leitura das diferentes linguagens existentes no mundo de hoje.

Pois no processo de desenvolvimento da criança, há várias relações entre os objetos e situações vivenciadas por ela, como exemplo o ato de brincar, porque para ela isso tem sentido e assim ela sente a necessidade de solucionar problemas, experimentando o ato da reflexão, o que estabelece relações cada vez mais complexa permitindo desenvolver noções matemáticas mais sofisticadas.

Pois segundo Jesus (2004, p.115) é durante a formação do sujeito que há a busca pelo aprendizado, possibilitando meios em que este se torne ser social responsável pelos seus atos, pelo seu refletir, dialogar e argumentar com os seus semelhantes. Colocando-o como sujeito de suas próprias perspectivas.

As dificuldades que os educandos encontram em ler e compreender textos de problemas estão entre outras coisas, ligadas à ausência de um trabalho pedagógico específico com o texto do problema, nas aulas de matemática. E para que tais dificuldades sejam superadas é preciso alguns cuidados com a proposição dos problemas desde o início da escolarização até o final do Ensino Médio.

Fazer escolhas de conteúdos não é suficiente para organizar nossa ação educacional; mais do que isso, é fundamental para o professor conhecer “quem”, “por que” e “como” queremos educar, ou seja, o fazer do professor deve estar comprometido como um processo que permita ao outro perceber-se de maneira significativa em um mundo possível de ser transformado por meio de sua ação. (Monteiro, 2001, p. 25).

Cuidados com a leitura que o professor faz do problema, ou em propor tarefas específicas de interpretação do texto de problemas, ter em fim um conjunto de intervenções didáticas destinadas exclusivamente a levar os educandos a lerem os problemas matemáticos com autonomia e compreensão, promover a aprendizagem geradora de mudança de comportamento.

Na matemática talvez mais do que em outras áreas, o medo de errar é bem mais comum tornando as crianças mudas, distanciando a linguagem matemática das experiências prévias dos educandos, deixando de construir essa relação, aqui compreendida como partilhas de significados.

Segundo Líbano (1994, p.31) o ensino transforma-se num conjunto com finalidade, no qual busca promover condições para que o educando assimile e construa o sentido desse processo. E a partir da interação destes conhecimentos que o sujeito se traduz e conhece seu verdadeiro significado na sociedade como parte da construção da mesma, ou seja, como formadores de opiniões.

Se entendermos que a aprendizagem é um processo de construção coletiva contínua e permanente de formação do sujeito envolvendo parcerias entre os diversos segmentos (professor, educando, gestores e sociedade) que é de fundamental importância na formação, partimos para concretização desse saber.

Portanto as atividades com a matemática na escola não podem ser esporádicas, espontânea ou casual. É necessário que as crianças estejam diariamente cercadas por propostas e oportunidades que invoquem o uso lógico-matemático em ligação permanente com os demais componentes curriculares e através desta integração desenvolver um processo de aprendizagem.

Esse processo de transformação do saber científico em saber escolar não passa apenas por mudanças de natureza epistemológica, mas é influenciado por condições de ordem social e cultural que resultam na elaboração de saberes intermediários, como aproximações provisórias, necessárias e intelectualmente formadoras. É que pode se chamar de contextualização do saber. (PCN's Matemática, 1997, p.39).

Assim educandos em sua aprendizagem precisam da mediação de recursos em atividades lúdicas, visto que a utilização potencializa a construção do conhecimento, despertando o interesse, o que favorece o ensino dos conteúdos, potencializando a atenção, aperfeiçoando seus domínios.

Ou seja, o processo de aproveitamento dos saberes prévios dos educandos pode estar fundamentado em como eles adquirem os mais diversos conhecimentos, partindo do concreto e suas abstrações, pois agora o professor mostrar novos conhecimentos e ampliando-os a partir dos prévios.

Observar cada um é conhecer seu diferencial nas etapas de seu desenvolvimento, procurar evidenciar o que o educando possui de conhecimento, é de fundamental importância na elaboração de formas para que a atividade seja colocada, e é através do diálogo que alcançamos os objetivos da aprendizagem.

Abrir espaço para o conhecimento é dá oportunidades para que aconteça uma nova ressignificação no fazer pedagógico transformando nossas metodologias, estando em constante troca e construção de conhecimento. Pois segundo Araújo (2011) o ensino e o aprendizado podem acontecer sem que deixemos de considerar a cultura, sendo possível realizar meios, fazendo relações entre o cotidiano e o meio social. Dessa forma, um meio importante nesse processo é a utilização dos recursos lúdicos favorecendo o ensino da matemática, e não somente desta disciplina, mas também como outras e em vários contextos sociais.

C. A IMPORTÂNCIA DO JOGO COMO ELEMENTO LÚDICO NO ENSINO DA MATEMÁTICA

O trabalho educativo integrado as atividades lúdicas ajuda a promover o crescimento intelectual e social, desenvolvendo o nível cognitivo e das práticas estabelecendo novas relações principalmente no ensino- aprendizagem de cada sujeito.

Nesse sentido, podemos observar que as atividades voltadas para a matemática através do tempo vêm passando por várias tendências, de maneira que o trabalho hoje faz a utilização de ferramentas lúdicas para o desenvolvimento da aprendizagem, pois segundo RODRIGUES (2003, p.160) o lúdico é um fenômeno cultural e biológico, constituído de atividade livre, alegre com significação e grande valor espiritual, social oferecendo inúmeras possibilidades educacionais.

Cada educando precisa desenvolver suas potencialidades e não seguir um caminho forçado. A matemática enquanto disciplina poderá possibilitar uma atividade criativa de construção de aprendizagem. E para que o desenvolvimento continue num processo contínuo, a relação dos conhecimentos prévios através de atividades lúdicas, amplia suas capacidades de raciocínio, lógica e cognição com mais destreza, rapidez e facilidade podendo estar presente no dia a dia.

As atividades lúdicas são instrumentos de importância significativa para aprender essa ação dependendo sem dúvida da compreensão. Vale lembrar que o jogo por ter regras, pressupõe organização e ação cooperativa. O ensino da matemática tem encontrado base na concepção de que o educando aprende exercitando determinadas habilidades. Segundo Kishimoto (2001), para o desenvolvimento de atividades de natureza lógico matemática o jogo como recurso lúdico torna-se ferramenta indispensável para estimular o desenvolvimento cognitivo e são importantes para o desenvolvimento do conhecimento escolar.

Acreditando que a prática pedagógica do professor em relação ao ensino da matemática através dos jogos nas escolas, se trabalha de forma atraente e educativa, não apenas o conteúdo, mas todo um contexto educacional, o que significa preocupação com a formação integral do educando, percebendo a importância do espaço escolar.

A formação deste educador trará novas perspectivas aliada ao conhecimento oportunizando a interação de atividades nas disciplinas curriculares, pois observa que tais atividades estão mais dispostas a ensaiar novas combinações de ideias e de comportamento, não reduzindo a apenas aspectos recreativos. Pois a atividade dos jogos como um recurso lúdico torna o conteúdo prazeroso e importante quando a criança aprende. Formando indivíduos com autonomia com interesses voltados para aprendizagem.

Assim a atividade lúdica, transforma-se em ferramenta pedagógica, que estimula e reforça a prática para o ensino da matemática nas primeiras séries no Ensino Fundamental, sem deixar de esquecer que o educando possui uma carga de conhecimento prévia, oriunda do meio em que ele convive gerando experiências de aprendizagem muito antes de frequentar a escola.

Aliada as atividades lúdicas, encontram-se diferentes linguagens matemáticas, a oral, a escrita e a visual, quando adotamos uma postura de professores que se preocupam em estabelecer uma relação de mediadores entre os conteúdos e a realidade, estamos relacionando e gerando condições de fazer com que a criança esteja em contato com a lógica matemática.

O lúdico em relação à compreensão leva o educando a desenvolver as suas capacidades, habilidades entre outras diversidades do conhecimento. Sabemos que o conhecimento lógico matemático não resulta exclusivamente do experimentar, e nem de um simples encontro do sujeito com o objeto.

O trabalho pedagógico segundo Kishimoto (2001) necessita da construção de estímulos externos e a sistematização de conceitos e outras situações através de atividades lúdicas, possibilitando ao educador metodologias adequadas a produção do conhecimento, especialmente com a matemática.

Assim através da reflexão no fazer pedagógico e a interação de atividades lúdicas no cotidiano, aliada as diferentes realidades, sistematiza as informações transformando em conhecimento, tornando este conhecimento em ferramenta na utilização em todas as áreas do conhecimento, e em especial a matemática. Nesse sentido, precisamos entender o contexto em que será desenvolvido o ensino da matemática tornando-se um desafio para o professor pensar em um ensino voltado para o contexto das escolas do campo.

D. O ENSINO DA MATEMÁTICA NAS ESCOLAS DO CAMPO

Historicamente à área rural vem sendo vista como inferior e a educação cópia da visão urbana tornando-se um ensino descontextualizado e sem significado. Sabemos que no âmbito educacional na realidade rural em algumas comunidades não havia escola, e quando tinha às vezes era bastante distante de alguns moradores, o que acabava levando os alunos a altos números de faltas e como consequência a repetência.

Mas apesar de caminhar desta forma, isto vem mudando, muitas são as conquistas originárias das lutas dos movimentos sociais populares do campo em torno dos direitos aos povos do campo como saúde, educação de qualidade entre outros. Arroyo (2004) salienta que os estados e mais particularmente os municípios a partir dos questionamentos dos movimentos sociais populares percebem a necessidade de uma redefinição profunda da educação rural. Nesse processo é que se dar a construção da consciência da necessidade de uma Política Pública da Educação do Campo. Esse processo segundo Caldart (2004, p.14) é que vai originar:

A conquista recente do conjunto das organizações de trabalhadores do campo por políticas públicas, foi a aprovação das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (Parecer nº 36/2001 e Resolução nº 1/2002 do Conselho Nacional de Educação).

Com isso o ensino nas escolas do campo passa por um processo de mudanças oriundas das lutas políticas que foram desenvolvidas por estudiosos e população para que este público viesse a ter seus direitos, cultura e valores respeitados, levando em conta a realidade do educando e suas necessidades.

Com essa perspectiva espera-se que este quadro mude, trazendo novas oportunidades, pois a mesma era estigmatizada imprópriamente. E isso só foi possível devido aos movimentos populares do campo que questionavam essa realidade, e assim a educação voltada para este contexto, a partir dos sujeitos em processo s formativos, constrói um novo ritmo de caminhada. Pois segundo Molina:

Os paradigmas fazem a ponte entre a teoria e a realidade por meio da elaboração de teses científica que são utilizadas na elaboração de programas e sistemas, na execução de políticas públicas, de projetos de desenvolvimento. Estes tem como referencias os conhecimentos construídos a partir de determinada visão de mundo que projeta as ações necessárias para a transformação da realidade (2004 p.55).

Por meio do processo de construção da Educação do Campo podemos afirmar que o campo é espaço de vida digna para sujeitos trabalhadores e conscientes, pois a necessidade desses habitantes que vivem nesta realidade é ter direito de todo cidadão comum possuir serviços públicos de qualidade, melhorias da saúde e educação, dentre outras necessidades viabilizadas pelo governo.

Neste processo, a inclusão na agenda governamental da questão do ensino na realidade do campo que em nosso caso Amazonas predomina o olhar para as águas e florestas, o que exigindo uma atenção a esta realidade da região Norte. Destaca-se a necessidade de que os profissionais que irão atuar nesta realidade tenham a formação necessária para compreender o contexto local.

O que na perspectiva da Educação do Campo, é necessário para que os estudantes tenham o conhecimento do seu contexto do campo, pois possibilita a abertura de perspectivas para refletir a construção deste conhecimento modificando e fortalecendo a construção do mesmo, pois a educação é um conjunto de vários elementos que socialmente vivenciamos gerando um aprendizado nas relações.

No entanto a realidade evidenciava o ensino de disciplinas que faziam parte do currículo das escolas urbanas sem qualquer adequação no contexto do campo, causando por vezes descrédito dos habitantes locais, e entre elas a disciplina de matemática que exigia um pouco mais de atenção, pois ela se resumia a apenas números e contas, que se limitavam muitas vezes na sala de aula. Assim a sua pratica ocorria diariamente no trabalho, ou em suas casas sem que a percebessem.

Assim, muitos estudantes chegavam à vida adulta mal sabendo escrever seus nomes ou então nem conheciam sua realidade. É pela mudança deste quadro que lutamos para que a população residente nessas áreas possa aprender e construir uma nova realidade, adquirir respeito pelos seus pais que não tiveram acesso ao direito de estudar.

Sabemos que os aspectos sócios econômicos influem na questão educacional, pois alguns estudantes, não tem o uniforme, quanto mais o material escolar, como um aluno pode aprender se mal consegue prestar atenção na aula, sendo que às vezes andam longa distância da trajetória de suas casas a escola, gastam suas energias, alguns alunos saem cedo de suas casas para pegar um bote ou um ônibus escolar, que algumas das vezes não oferecem nem mesmo segurança, chegando a suas salas exaustas, com fome e com sono. Diante desse quadro o que podemos fazer enquanto professores?

A participação do educando em sua realidade facilita o discernimento sobre suas relações com o mundo, não a uma simples relação biológica, natural ou cultural no espaço que habita, mas mantendo sua identidade e ao mesmo tempo estabelecendo objetivos sociais e políticos que o fazem refletir sobre suas ações no grupo.

A compreensão da matemática ou de qualquer outra disciplina esta ligada ao conhecimento do aluno, do grau de importância e o modo que ele irá receber informações ou de como foi trabalhado certo assunto. Pois enquanto educadores queremos prepara-los de forma que possam refletir e serem cidadãos críticos, mais construtivos e defensores de sua realidade e não educar de forma bancaria. Pois:

Para a concepção “bancaria”, a consciência é, em sua relação com o mundo, esta “peça” passivamente escancarada a ele, a espera de que entre nela, coerentemente concluirá que ao educador não cabe nenhum outro papel, que não o de disciplinar a entrada do mundo nos educandos. Seu trabalho será, também, o de imitar o mundo. O de ordenar o que já faz espontaneamente. O de “encher” os educandos de conteúdo. E o de fazer depósitos de “comunicado” - falso saber- que ele considera como verdadeiro saber (Freire, 1987 p.36).

Despertar o interesse, a curiosidade do educando é de fundamental importância para que tenhamos um bom resultado quanto aos nossos objetivos enquanto educadores, para que sejam questionadores de seu contexto contribuindo para a construção de políticas públicas.

Nesse sentido o professor, precisa realizar o estudo sobre o contexto em que a escola está inserida identificando os elementos do cotidiano de seus educandos, esse conhecimento irá possibilitar aos professores meios para construir metodologias de ensino, ligados ao cotidiano e a realidade do aluno, aproveitando os conhecimentos prévios que serão sistematizados na relação com desenvolvimento curricular do ano letivo.

III. CONCLUSÕES

Neste artigo buscamos refletir sobre a contextualização no ensino da matemática entendendo que os significados aos questionamentos originados do cotidiano, é o que faz o despertar do senso crítico, pois o educando que ainda em processo de formação de opiniões, busca conhecimento de varias naturezas, possibilitando a inserção de outras disciplinas.

Portanto o ensino da matemática nas escolas do campo precisa contribuir na reflexão sobre valores e objetivos do ato educativo possibilitando a formação de cidadãos conscientes, conhecedores de seu próprio valor, de seus deveres e direitos, das complexidades da sua estrutura social-política e econômica em que estão inseridos.

REFERÊNCIAS

Aranão, I. (2002). *A Matemática através de Brincadeiras e Jogos*. Campinas, SP: Papyrus. 4ª ed.

Brasil, Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros Curriculares Brasileiros*. (1997). Brasília: Secretaria da Educação.

Brasil, Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros Curriculares Brasileiros*. (1999). Brasília: Secretaria da Educação.

Carvalho, D. (2003). *Metodologia do ensino da matemática*. São Paulo: Coleção Magistério 2º grau. Série Formação do Professor. 2ª ed.

Cortez. Neto, E. *Didática da matemática*. São Paulo: Ática. 11ª ed.

Garcia, R. & Moreira, A. (2003). *Começando uma conversa sobre currículo. O currículo da contemporaneidade: incertezas e desafios*. São Paulo: Cortez.

Ghedin, E. (2007). Perspectivas sobre a Identidade do Professor do Campo. Em: Ghedin, Evandro. Perspectivas sobre a identidade do professor no campo. In: Ghedin, E. & Borges, H. (org`s) *Educação do Campo: a epistemologia de um horizonte em formação*. Manaus-UEA.

Ghedin, E. (Org.). (2008). *O Voo da Borboleta. Interface entre educação de campo e educação de jovens e adultos*. Manaus: Edições UEA/Ed. Valer.

Molina, M. & Fernandes, B. (2004). O campo da educação do campo. Em: Molina, M. Coleção *Por uma educação do campo: contribuição para a construção de um projeto de educação do campo*, Nº. 5 (pp. 1-34). Brasília: Articulação Nacional “Por uma Educação do Campo”.

Kishimoto, T. (Org.). (2001). *Jogo, Brinquedo, Brincadeira e Educação*. São Paulo: Cortez. 2ª ed.

Libaneo, J. (1994). *Didática*. São Paulo: Cortez.

Piaget, J. (1994). *O juízo moral na criança*. São Paulo: Summeus editorial.

Torres, R. (1994). *Currículos e conteúdos curriculares: As fontes do currículo que (e como) é necessário aprender?* Campinas: Papirus. 4ª ed.

Vygotsky, L. (1984). *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes.